

O USO DO FUTEBOL SOCIAL COMO FERRAMENTA INTERNACIONAL

Fernando Segura Millán Trejo

Já há alguns anos, observa-se em diferentes aparições, notícias de periódicos, fóruns, encontros ou fases preparatórias de mundiais de futebol, como Alemanha 2006, África do Sul 2010 ou o que será Brasil 2014, festivais de futebol social. Trata-se de um futebol praticado por jovens de ambos os sexos, e também por adultos, em situações de vulnerabilidade social. Além disso, são iniciativas levadas adiante por organizações não-governamentais (ONGs). Reunidas em diferentes redes ou isoladas em sua geografia, estamos falando de outro tipo de futebol: uma prática a serviço de diferentes problemáticas e usos sociais. Consiste, então, em uma tendência internacional que cresce e continuará crescendo, de acordo com vários sinais que puderam ser identificados. Isso não apenas tem relação com o próprio desenvolvimento de ONGs, mas também atrai, por diferentes razões, patrocínios, tanto públicos como privados (fundações corporativas, clubes de futebol em alguns casos e empresas de diversos ramos, não apenas esportivos). Revisemos aqui, brevemente, algumas características comuns ou diferenças em redes internacionais distintas que usam o futebol como ferramenta de desenvolvimento social.

ORIGENS DIVERSAS Não é fácil buscar as origens geográficas ou algum momento histórico que determine cronologicamente ou nos indique o surgimento dessa tendência internacional. É preferível, talvez, observá-la como um movimento que tem encontrado conexões por diferentes redes, por um lado, e, por outro, que a força de muitas ONGs tem impulsionado outras organizações por caminhos parecidos.

Podemos, assim, encontrar antecedentes. Na Argentina, entre o final dos anos 1990 e o início da década de 2000, surgiu uma iniciativa em Moreno, na Grande Buenos Aires, chamada “Defensores del Chaco” (1; 2), uma ONG formada para oferecer espaços recreativos a jovens em situação de desemprego e falta de oportunidades, e que posteriormente agregou-se a várias outras organizações locais. Em paralelo, na Colômbia surgiu, nesse período, o projeto “Fútbol por la Paz” (3), combinando o uso do futebol entre jovens de ambos os sexos a fim de promover laços humanos em um contexto de grande violência (4). A partir disso começou a ser gestado o que logo culminaria na rede global de Streetfootballworld, fundada oficialmente em 2002, agrupando ONGs de todos os continentes.

Desde o fim da década 1980, em grande medida produto das crises dos subúrbios urbanos, diversos planos de políticas públicas para os esportes surgiram na França para buscar sanar o descontentamento de jovens em situação de vulnerabilidade (5). Projetos-piloto, práticas esportivas vinculadas a escolas públicas, espaços recreativos com animadores pagos com dinheiro público, apoio a associações civis e acordos com clubes esportivos foram desenvolvidos em vários setores do país (6). Esse tipo de política tem sido inclusive motivo de análise e questionamentos para pesquisadores de ciências sociais (7).

Anteriormente a tudo o que foi mencionado, fundou-se, inclusive, em 1980, a World Amputee Football Federation na cidade de Seattle, uma iniciativa independente e talvez precursora na tendência de usar o futebol para vetores de integração cidadã, com o objetivo de reunir delegações internacionais.

Assim, em diferentes contextos, emergiram iniciativas locais, a maioria de associações civis, algumas promovidas por governos locais, embora sempre canalizadas por ONGs. No início dos anos 2000, ocorreram articulações com várias redes internacionais, as quais foram se interconectando com múltiplas ONGs, muitas delas já pré-existentes, outras surgidas exatamente com o incentivo de participar de alguns desses espaços oferecidos, com distintas temporadas, encontros, festivais e, inclusive, torneios. Entre 2001 e 2003, nasceu um campeonato mundial para pessoas sem-teto, chamado Homeless World Cup (8), cuja primeira edição ocorreu na cidade austríaca de Graz, em 2003, impulsionada por dois editores de periódicos de rua, um da Escócia e outro da Áustria, que conseguiram unir 18 delegações nacionais (9), todas vinculadas, a princípio, à International Network of Street Papers. Esse mundial tem crescido vertiginosamente em suas sucessivas edições, ano a ano (10), agregando, a cada vez, mais delegações em cenários como Melbourne, Milão, Rio de Janeiro, Paris e Cidade do México (11), recebendo

Acervo do autor



Jogo feminino entre França e Holanda no Homeless World Cup, em Paris em 2001

nos últimos eventos mais de 50 países. Trata-se de um mundial que, com propósitos sociais de oferecer um espaço esportivo a pessoas em situação de rua, tem encontrado contradições devido ao aumento da competência de algumas seleções nacionais (12).

Algumas iniciativas locais, de diversos horizontes, têm aprofundado participações pontuais ou sustentadas nessas redes. Projetos desenvolvidos em diferentes contextos, como cenários de pós-guerra em Ruanda, o “Star Project” na Libéria (13), campos de refugiados em Serra Leoa, Quênia e Uganda, incluindo enfoques de gênero (14), buscam no futebol uma ferramenta com efeitos terapêuticos de reconciliação e autoestima para as populações afetadas. Algumas encontram apoio de instituições interessadas em desenvolver esse conceito de uma prática a serviço de fins sociais e humanitários. Por exemplo, a rede de Streetfootballworld, que no ano de 2013 tem conectado mais de 80 projetos em 64 países, e, a partir da realização de um festival paralelo ao mundial da Fifa da Alemanha 2006 (3), chegou a uma aliança estratégica com a Fifa que resultou em transferências econômicas diretas e na realização conjunta dos festivais do programa “Football for Hope” (15). Essa tendência de promover ações humanitárias vem acontecendo desde os anos 2000 como uma das áreas estratégicas da Fifa (16). Assim, o futebol entrou em uma fase de complexidade em sua evolução, na qual se mesclam tendências de uma indústria multimilionária com o apoio às causas das ONGs (17).

A União Europeia de Futebol Associações (UEFA) tem providenciado também diversos auxílios a fins sociais e humanitários, entre eles um apoio constante, ainda que *ad-hoc* (18), à Homeless World Cup (10), assim como a programas oficiais de escolas de futebol em cenários de pós-conflito, como na Bósnia (19) e, mais recentemente, em Kosovo. Nesse sentido, as próprias instituições diretoras do futebol têm criado programas de responsabilidade social, enquanto instituições como a Unesco, Unicef e a Cruz Vermelha procuram dar assistência técnica, visibilidade e ajuda para conseguir patrocínios às próprias ONGs (17), que inclusive os têm estendido a campanhas de prevenção do HIV.

Claro que há muito mais redes e muito mais iniciativas do que as aqui apresentadas, porém com esse panorama, descrito brevemente, pode-se colocar uma pergunta: qual é o conteúdo desse tipo de futebol social? Vejamos, de modo geral, algumas características comuns e diferenças específicas.

FORMAS DE FUTEBOL SOCIAL Está claro que não é o mesmo acompanhar, mediante o uso do futebol, jovens deslocados, ex-crianças-soldados, mulheres que sofreram vexações, pessoas que vêm enfrentando o flagelo da rua durante anos, jovens que correm o risco de cair no consumo de drogas, jovens de escolas públicas, entre outras categorias contempladas pelos programas. Cada contexto varia, os níveis e desafios são diferentes. Porém, diante desse matiz evidente, dois grandes eixos podem ordenar os conteúdos das múltiplas iniciativas encontradas em festivais ou torneios internacionais desse outro futebol.

Essa prática de futebol pode ser usada como uma ferramenta motivacional, ou educativa, ainda que cada uso específico possa ter inúmeras variantes que se combinam entre si. E se toda iniciativa contém elementos de ambas as dimensões, já que se encontram



Time da Nigéria na Homeless World Cup, em Paris 2011

imbricadas, há algumas que se distinguem de outras por sua ênfase nos aspectos educativos, tornando o futebol um mero instrumento, quase sem transcendência nos resultados “esportivos” (ou seja, ganhar um torneio mediante competência). Ao passo que outras, mesmo dentro de um marco social para pessoas em situação de vulnerabilidade, centram a atenção em torno da prática do futebol, classificando e selecionando equipes em escalas segundo seus desempenhos nos encontros.

Um exemplo do uso motivacional por meio do futebol se dá claramente em casos como o mundial Homeless, um cenário de futebol jogado com 4 jogadores em campo (com várias trocas em 2 tempos de 7 minutos). Os efeitos dessa competência apontam para a motivação de pessoas desmotivadas (9), criando objetivos ligados à preparação do mundial (8) e sentido de pertencimento tanto para os jogadores como para a equipe que os acompanham (20). Esse torneio se organiza pela participação de delegações nacionais, que, logo na primeira fase, ajustam-se em grupos. Algumas equipes podem aspirar ganhar o torneio máximo, enquanto outras jogam por troféus menores no ranking do mundial. Assim, apesar de permitir histórias comoventes, a divisão entre aqueles que aspiram ganhar o campeonato e as seleções fracas, que apenas buscam participar de um encontro internacional, tem sido realmente notável (9; 11; 12; 20). Nesse sentido, pouco tem a ver e há pouca comunicação entre as delegações de “elite” e as de “não elite” nesse mundial (9). Consequentemente, a dimensão exacerbada da competência e o desejo de ganhar campeonatos podem produzir rupturas nos projetos ou erodir o eixo integrador que se procura pelo uso do futebol (13).

Outros projetos, que implicam em diversos apoios, como o “Football for Peace” (F4P) na Cisjordânia, apontam, mais que para o futebol em si, para a promoção de valores morais, como a tolerância, o respeito e a amizade. São iniciativas que buscam a reconciliação presente e, principalmente, futura de grupos que por anos têm vivido em contextos de violência.

Em uma direção também orientada para o vetor educativo, a rede de Streetfootballworld tem estimulado, em seus diversos projetos associados ao plano local, uma metodologia chamada futebol três tempos (Futebol 3), que consiste, em uma primeira etapa, em que os participantes se misturem e definam as regras que serão seguidas, junto a uma figura de mediador para orientar a dinâmica, como: o gol feminino vale dois pontos, os saques se fazem com a mão ou com o pé, e outros detalhes que marcarão o jogo; a segunda etapa é o desenvolvimento de um encontro; e a terceira implica em uma revisão da aplicação das regras definidas e o comportamento geral (21). Um dos aspectos mais interessantes dessa metodologia é que, durante os festivais, as equipes se unem em um futebol de gênero e delegações mistas, uma diferença notável em relação ao Homeless, já que a mistura evita o isolamento por delegações nacionais concentradas em ganhar o torneio.

Várias dessas iniciativas recorrem a instituições diretoras do futebol internacional para receber apoio. O contexto de preparação do Mundial da Fifa 2014 tem beneficiado algumas dessas organizações locais no Brasil, outorgando-lhes um pouco mais de visibilidade e acesso a maiores recursos em alguns casos, como os fundos do programa “Football for Hope”, da Fifa, incentivos do governo e alguns outros patrocínios privados. Entre essas organizações, distribuídas pela vasta geografia do Brasil, há: na região do Rio de Janeiro, o Instituto Bola pra Frente, o Centro de Integração e Desenvolvimento Sustentável, o Karamba e o Pró-Mundo; no estado da Bahia, toda a rede vinculada ao Fazer Acontecer; a Associação Cristã de Moços do Rio Grande do Sul; no estado de São Paulo, a Associação Pró-Esporte e Cultura; a Cufa no Ceará; o Instituto de Desenvolvimento, Educação e Cultura da Amazônia; o Instituto de Ações, Projetos e Pesquisas Sociais de Brasília; o Instituto Formação, no Maranhão; entre muitos outros.

Seja qual for o cenário, essas organizações diferem em níveis de solidez institucional quanto à sua sustentabilidade. Algumas possuem muitos anos de experiência e de *savoir-faire* e inclusive estão respaldadas por outras de maior envergadura; e outras são mais jovens e dependem da injeção de recursos para funcionar e, em grande medida, existir. Vários são os desafios nesse sentido, não apenas das próprias organizações, como também da própria compreensão do futebol como nova ferramenta de trabalho social.

DESAFIOS DO FUTEBOL SOCIAL E DE SEU ESTUDO Ainda que o uso desse tipo de futebol conte com vários anos de existência e execução em organizações, projetos ou instituições, estamos longe de entender de forma cabal a multiplicidade de efeitos que dele decorrem. As próprias organizações necessitam demonstrar impactos positivos nas pessoas que acompanham por meio do futebol, algo razoável e natural. No entanto, a investigação nesse âmbito não deve concentrar-se somente nos efeitos desejados, mas deve também considerar os não desejados. Isso é importante para

compreender melhor o fato de que o futebol produz muito mais efeitos do que busca, inclusive alguns que podem ser negativos em algumas pessoas e, conseqüentemente, devem ser contemplados na construção e no desenvolvimento dos projetos.

A agenda de pesquisa vem dando conta de vários impactos gerados por essas iniciativas. A acumulação de capital social positivo para os participantes é um dos identificados, na medida em que os membros ganham amigos, contatos e referências nesses projetos (22; 23). Mas o futebol, como atividade, esgota-se em si mesmo e até pode produzir contradições (13) se não é acompanhado por outras ferramentas sociais (24). Nesse mesmo sentido, o futebol pode gerar a exclusão daqueles que são considerados “os piores para integrar uma equipe, seja formal, ou informal” (25), uma dimensão que tem sido analisada, por exemplo, no mundial Homeless (9; 12; 20).

A agenda de pesquisa está atenta, e continuará assim, às tensões que se configuram no desenvolvimento das ações sociais. Isso, no que se refere ao uso social do futebol, implica em vários ângulos. Para as ONGs que perseguem objetivos sociais, o futebol tem sido um importante motor para desenvolver ações e também as próprias organizações. O problema surge quando a dimensão competitiva (26) e também a ansiedade midiática de conseguir visibilidade como uma urgência, começam a diluir os objetivos de base e a essência proclamada. Quando passa a importar mais atrair patrocinadores do que o próprio acompanhamento social, e, ainda pior, quando parece não haver outros canais para existir para além dos patrocinadores e meios de comunicação, pode-se produzir um deslocamento de objetivos (27). Quando isso acontece, o campeonato ou a própria ONG se convertem em um fim e não em um meio para buscar as metas estabelecidas. Essa problemática constitui um desafio maior tanto para os próprios projetos como para a pesquisa, um aspecto que não deve ser subestimado nem escondido.

Da mesma forma, outros desafios se apresentam — a questão de gênero está entre eles como um dos campos a se explorar nos próximos anos. Como se utiliza o futebol nesse tipo de projeto para a inclusão de gênero? Que efeitos se dão com o futebol misto? São essas algumas das perguntas que se colocam nesse mundo das ONGs e do futebol. A pesquisa pode e deve acompanhar esse desenvolvimento, destacando os efeitos positivos, mas também seus limites, desafios, contradições, discursos e interesses paralelos, invisíveis e encobertos. Uma reflexão final para este artigo consiste em sublinhar que, talvez, importem menos os resultados esportivos, pelos gols marcados, do que as aprendizagens, vivências e percepções dos participantes, não apenas daqueles que se apresentam como exemplares, mas também daqueles que mostram desacordos no funcionamento dos projetos. Em definitivo, estão nos dizendo algo acerca dos impactos gerados. O futebol social é uma realidade em expansão, porém seus desafios não são um tema menor em seu desenvolvimento.

O FUTEBOL SOCIAL É UMA REALIDADE EM EXPANSÃO, PORÉM SEUS DESAFIOS NÃO SÃO UM TEMA MENOR

Fernando Segura Millán Trejo é sociólogo, ganhador do Grand Prix de Recherche UCPF (União de Clubes Profissionais Franceses), pela melhor tese 2012 na França sobre estudos referidos ao futebol: "A Homeless World Cup e o campeonato de luta contra a exclusão social na França. Análises de trajetórias sociais de exceção", sob a orientação de Patrick Mignon. É pesquisador filiado ao Centro de Investigación y Docencias Económicas (Cide) no México. Realiza um pós-doutorado na FGV Rio de Janeiro financiado pelo Conselho de Ciência e Tecnologia (Conacyt-México).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Chaco é uma das regiões mais pobres de Buenos Aires, localizada a nordeste da área central (N.T.). Porém, a iniciativa surgiu na zona oeste da Grande Buenos Aires.
- Thorton, L.; Prest Talbot, J.; & Flores, M. *O direito de brincar: guia prática para criar oportunidades lúdicas e efetivar o direito de brincar*. São Paulo, Diadema Hannay Empreendimento Social, 2013. p.81.
- Domenich, M. "Entrevista por Guilherme Yoshida", *Universidade do Futebol, on line*, 29 nov. 2013.
- Domenich explica, em uma entrevista realizada pela Universidade do Futebol online, a partir do projeto de Streetfootball Brasil, que o embrião do projeto "Futebol pela Paz" foi o assassinato de Andrés Escobar, jogador da seleção colombiana que fez um gol contra na Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, e, em seu regresso à Colômbia, foi morto em uma discussão à saída de uma discoteca.
- Anstett, M. & Sachs. *Sport, jeunesses et logiques d'insertion*. Paris. La documentation française, 1999.
- Charrier, D. *Activités physiques et sportives et insertion des jeunes: enjeux éducatifs et pratiques institutionnelles*. Ministère de la Jeunesse et des Sports. Paris. La documentation française, 1997.
- Chobeaux, F. "Pratiques et questionnement pédagogiques ?" In: *Sport, jeunesses et logiques d'insertion*. Ministère de la Jeunesse et des Sports. Paris. La documentation française, 1999.
- Sherry, E. "(Re)engaging marginalized groups through sport: The Homeless World Cup". In: *International Review for the Sociology of Sport*, 45 (1), 2010, pp. 59-71.
- Magee, J. "Disengagement, de-motivation, vulnerable groups and sport inclusion: a case study of the Homeless World Cup". In: *Soccer & Society*, 2 (12), 2011, pp.159-173.
- Segura, M.; Trejo, F. "La gouvernance de la Homeless World Cup". In: Attali, M. *Diriger le Sport*. Paris. Centre National de Recherche Scientifique (CNRS), 2012.
- Segura, M.; Trejo, F. "Football experiences to combat social exclusion and a World Cup: what kind of social capital beyond the tournament?" , Documento de trabajo de la División de Administración pública, México. Cide A.C., 2013b.
- Magee, J. & Jeanes, R. "Football's coming home: A critical evaluation of the Homeless World Cup as an intervention to combat social exclusion". In: *International Review for the Sociology of the Sport*, 48 (1), 2013, pp. 3-19.
- Rookwood, J. & Palmer C. "Invasion games on war-torn nations: Can football help to build peace? In: *Sport in Society*, 12: 2011, pp.184-200.
- Achen, M. & Angwech, S. "Allez les filles envoyez-le" In: *La rue: y tomber, y vivre, s'en sortir et ne pas y retomber*, Paris 2011 Homeless World Cup, Paris: Collège des Bernardins, 2012.
- O primeiro foi realizado na África do Sul em 2010 e o segundo está previsto para Rio de Janeiro em 2014, com alguns festivais interme-diários, como o de Belo Horizonte, em 2013, em paralelo à Copa das Confederações, com menos países, porém como uma evidente pre-paração para Rio 2014.
- Eisemberg, C., "Fifa et politique 1945- 2000" In : *Le football dans nos sociétés. Une culture populaire. 1914-1998*. Paris. Ed. Collection Mé-moire/Culture, 2006.
- Giulianotti, R, "The sport, development and peace sector: a model of four social policy domains". In: *Journal of Social Policy*, v. 40/ issue 04, 2008, pp. 757-776.
- Isto é, renovável ano após ano.
- Gasser, P. & Levisen, A. "Breaking Post-war Ice, Open Fun Schools, in Bosnia and Herzegovina", In: *Sport and Society* 7, nro 3, 2004, pp. 457-472.
- Segura, M.; Trejo, F. "A ball can change the World. Percepciones y situ-aciones en el mundial de los desamparados, la Homeless World Cup: Una revisión crítica desde la vivencia y la mirada de los jugadores". In: *Acta Sociológica*, Janeiro-Abril, México, Unam, 2013a.
- O autor deste texto assistiu em Salvador, Bahia, entre 5 e 8 de dezem-bro de 2013, ao Festival Latino-Americano de Futebol 3, desenvolvido em conjunto pelo Streetfootball Brasil e o Instituto Fazer Acontecer.
- Burnett, C. "Building social capital through an active community club", *International Review for the Sociology of Sport*, 41, (3-4), 2006, pp.283-294.
- Ver também (8) para o caso das equipes australianas no mundial Ho-meless. A Austrália é uma das seleções que não buscam por todos os meios ganhar esse campeonato, procurando mais oferecer uma ex-periência às pessoas que se recuperam de acidentes sociais da vida.
- Mignon, P. "Intervention sur l'accompagnement", In: *La rue: y tomber, y vivre, s'en sortir et ne pas y retomber*. Paris 2011 Homeless World Cup. Paris. Collège des Bernardins, 2012.
- Gasparini, W. and Vieille-Marchiset, G. *Le sport dans les quartiers: pratiques sociales et politiques publiques*, Paris, PUF, 2008.
- Attali, M. *Le sport et ses valeurs*. Paris. La Dispute, 2004.
- Hodson, R.; Martin, A., Lopez, S., & Roscigno, V. "Rules don't apply: Kafka's insights on bureaucracy". In: *Organization*, published on line, 3 maio 2012.